

Filosofia na Literatura: Sedução, Prazer e Liberdadeⁱ

Paula Ramos de Oliveiraⁱⁱ

Resumo

Este artigo pretende indicar alguns pontos de cruzamento entre a filosofia e a literatura, enfatizando o modo como ambas se ligam à experiência da leitura. Segundo Larrosa, nesta experiência há uma despersonalização do leitor; com ela o leitor abandona-se e se “desmaternaliza”. Mas como abandonar o “primeiro ser” - fixado em mundo interpretado e administrado - do qual nos fala Larrosa? Difícil tarefa essa, pois segue na contramão, uma vez que a presença da indústria cultural esforça-se exatamente no sentido de promover um embotamento de nossas percepções estéticas. Em tempos de empobrecimento da experiência, tanto a literatura quanto a filosofia – tomada não como teoria, mas como prática, como vivência, como experiência de um filosofar – nos lançam para além do escrito e permitem a transformação do que somos.

Falar de literatura inevitavelmente – embora não exclusivamente - remete-nos à experiência da leitura. Possivelmente um dos textos mais interessantes a esse respeito é um artigo de Paulo Freire, intitulado “A importância do ato de ler” (1995), resultado da transcrição de uma conferência apresentada no 3º COLE (Congresso de Leitura do Brasil) em Campinas, no ano de 1981. Através de uma volta aos momentos da infância, Freire compartilha conosco como foi se constituindo nele uma compreensão crítica da importância do ato de ler (1995, p.29). Observemos, porém, que não se trata exatamente da leitura das letras, das palavras ou dos textos, mas sim de uma leitura do mundo. Em suas palavras:

No esforço de retornar a infância distante, a que já me referi, buscando a compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia – permitam-me repetir – recrio, revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. (Freire, 1995, p.32)

É assim que o mundo se oferece a nós: repleto de significados, presentes nas letras, claro, mas também em todas as demais coisas que habitam o mundo e que se oferecem à nossa experiência individual. É por isso que dizemos “a minha vida”, “a minha infância”, “a minha

experiência com a leitura” e tudo o mais que nos singulariza diante de outros seres. Quando conta de sua casa, Paulo Freire relata o seu primeiro mundo – um mundo que foi única e exclusivamente dele; de mais ninguém. Na citação a seguir, apesar de longa, vemos o modo como ele percebeu esse mundo:

[...] aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptível. O mundo das minhas primeiras leituras – “os textos”, as palavras, as letras daquele contexto, cuja percepção me experimentava e quanto mais o fazia mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnava em uma série de coisas, de objetos e sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com os meus irmãos mais velhos e com meus pais. Os textos, as palavras, as letras, naquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros: o do sanhaço, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá, na dança da copa das árvores, só parados por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos. As águas da chuva brincando de geografia, inventando lagos, ilhas, rios, riachos, no quintal de minha casa. Os textos, as palavras daquele contexto, se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos, na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores, nas rosas, nos jardins, no corpo das árvores, na casca do fruto. Tonalidades diferentes de cores do mesmo, em momentos distintos: o verde da manga espada verde, o verde da manga espada inchada, o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre essas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência a nossa manipulação e o seu gosto, foi nesse tempo que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação de amolengar. Ainda hoje eu amolengo as mangas para chupá-las. Ainda hoje amolengo as mangas para chupá-las. Eu não corto para comê-las em fatias. Dificilmente um menino do nordeste estraga uma manga desse jeito. Vocês não imaginam a emoção que eu tive quando vi outros meninos, outros Paulos, pretos, na África, amolegando mangas. Isso puxa o meu tempo de exílio. Era, de vez em quando, um tempo de encontro e reencontro com o nosso país. (Freire, 1995, p. 30-31)

Quantos outros viveram experiências parecidas? Não sabemos, mas essa percepção de Paulo Freire é o que marca a experiência dele com a vida e o singulariza. Não é o mesmo o que ocorre na literatura? Inúmeras pessoas podem ler um mesmo livro, mas o que ele poderá significar na vida de cada um é extremamente particular. Vejamos agora um comentário sobre a experiência da leitura do espanhol Jorge Larrosa (2003, p. 97):

A experiência da leitura converte o olhar ordinário sobre o mundo num olhar poético, poetiza o mundo, faz com que o mundo seja vivido poeticamente, torna realidade a expressão heideggeriana: “poeticamente habita o homem nessa terra”. Mas para isso é necessário que esse “segundo ser” intermediário seja claramente diferente desse “primeiro ser” que é o mundo interpretado e administrado, o mundo em que cada um é cada um e no qual a percepção das coisas já está predeterminada por sua utilidade ou predefinida pelas estruturas que as configuram como parte do campo de nossa experiência possível.

Nesse seu ensaio – intitulado “Leitura e metamorfose: em torno de um poema de Rilke” (2003) - Larrosa nos fala contra a nossa tentativa, enquanto leitores, de apropriação e controle do texto a partir do que somos. Permitir essa experiência da leitura implica um descolamento do que somos e uma certa inquietude.

Esse autor nos fala de um movimento de “despersonalização do leitor” – na experiência da leitura haveria uma tal despersonalização que

[...] nem sequer sua mãe o conheceria. No seu abandonar o primeiro ser e em seu abandonar-se à leitura, o leitor perde qualquer vínculo com sua mãe, se “des-maternaliza”. Sua mãe não estaria segura dele como ele já não está seguro de si mesmo sem sua mãe, estando como está, fora da segurança de sua mãe. “Des-maternalizado” e descontrolado, fora de si, subtraído de sua origem e arrancado daquilo que lhe poderia dar segurança, o leitor já não tem direito ao pronome pessoal [...]. (LARROSA, 2003, p.107)

Também a literatura gosta de abordar essa relação do leitor com o texto. Talvez porque haja uma relação semelhante do escritor com seu texto; ou seja, do mesmo modo que há uma experiência da leitura há a experiência da escritura. Escrever literatura também implica uma

despersonalização. A escrita nos concede um lugar outro. A palavra escrita está lá, fixada, cristalizada. Ela permanece tal como é, mas essa condição é negada para quem a escreve e para quem a lê. Quem se abandona diante de um texto, quem se permite fazer da escrita ou da leitura uma experiência, torna-se outro porque é afetado pelo que essas experiências nos trazem.

Sobre a experiência da leitura talvez não haja conto mais belo do que “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector (1988). Uma menina tem um pai que é dono de uma livraria, mas ela não gosta de ler. Essa garota sente inveja de uma outra que, ao contrário dela, é uma devoradora de livros. O conto narra a angústia da leitora diante das provocações da filha do dono da livraria, que, além de nunca querer emprestar seus livros para ela, um dia comete uma crueldade tamanha: conta que possuía “As Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato, e que o emprestaria a ela no dia seguinte.

Pronto. Lá estava o objeto do desejo. Vejamos quão significativas são as palavras da narradora: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses.” (Lispector, 1998, p. 15). A menina o deseja a qualquer custo, pois já o escolheu. Com essa escolha já não é mais ela tal como era. Já é uma outra menina. Ela sente uma ausência e deseja a presença daquele outro, um livro para “se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o” (Lispector, 1988, p. 15). Já não é mais a menina porque não está mais só – tem com ela um outro, ainda que esse outro no momento fosse apenas ausência. Eis então que começa o que ela chama de “tortura chinesa”. Seu desejo só poderia ser atendido pela generosidade de um outro, a filha do dono da livraria. E o que essa faz? A cada dia inventa uma desculpa e pede que a menina volte no dia seguinte. A angústia da espera impingida pela dona do livro é assim relatada:

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começava a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra. (Lispector, 1988, p. 16).

Tal cadeia de sofrimento só é interrompida no dia em que a mãe da menina percebe a tortura que a filha está fazendo com a pobre garota. A mãe faz a filha emprestar o livro e diz para a menina que ela poderia ficar com o livro pelo tempo que quisesse. Diz a narradora a seguir:

“Entendem? Valia mais do que me dar o livro: ‘pelo tempo que quisesse’ é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.” (Lispector, 1988, p. 16).

A menina, apaixonada por livros, prepara-se para recebê-lo inundada pela emoção:

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei para chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. (Lispector, 1988, p. 16).

A felicidade é tamanha. Ela, que tinha sofrido tanto com a espera, agora fazia questão de esperar para entrar naquele universo. Ter o livro era algo tão especial que precisava fingir não tê-lo só para reviver a emoção de tê-lo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade iria sempre ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Deitava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. (Lispector, 1988, p. 17).

Então somos nós que entramos em êxtase com o modo como Clarice finaliza esse conto: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante.” (Lispector, 1988, p. 17).

Pois bem. Duas meninas. Uma tem todos os livros à sua disposição e não os quer; a outra não tem nenhum e os deseja tanto que, quando os tem, embarca no prazer da leitura, na felicidade que essa experiência traz e transforma-se com ela – deixa de ser menina, deixa de ser quem é.

Infelizmente, nesses tempos empobrecidos de experiência, a leitura perde cada vez mais espaço e, mesmo quando ocorre, muitas vezes é de duvidosa qualidade. Na escola podemos tentar promover essa experiência, mas o modo como empreendemos tal tarefa poderá resultar bem ou mal.

A devoradora de livros não precisava que ninguém a envolvesse com a atividade de leitura, mas como estimular meninas como a filha do dono da livraria? Em geral cometemos um grave erro na escola: queremos impor tarefas aos alunos ao invés de envolvê-los nelas. Talvez pratiquemos a mesma tortura chinesa que a menina invejosa, adiando a felicidade dos alunos com a promessa do dia seguinte que nunca chega.

Como se sabe, o livro “Mil e uma noites” (Galland, 2001) narra a história do rei Chariar que manda matar sua esposa após ter constatado a infidelidade dela. Como vingança contra a infidelidade feminina, decide passar cada noite com uma mulher diferente e matá-la no dia seguinte. Decidida a cessar esse ciclo, Cherazade, a filha do grão-vizir, resolve casar-se com o rei e executar o seu plano. No meio da noite, conforme combinado, sua irmã Duniazade vai ao quarto de Cherazade chorando e pedindo para ela que conte uma história. A história desperta a atenção do rei, mas Cherazade propositadamente não consegue terminá-la e interrompe a narrativa em um ponto interessante. Curioso com o final da narrativa o rei, seduzido, concede a Cherazade mais um dia. Mil e uma noites a promessa de condenação foi adiada. Nessa milésima primeira noite Cherazade pede ao rei que a poupe da morte por amor às crianças, pois já tinha três filhos do rei. O rei aceita o pedido da esposa e Cherazade finalmente se vê livre.

Assim, vemos que nessa obra o prazer se dá no presente porque Cherazade quer envolver o rei com a narrativa. E como ela o faz? Seduzindo-o com a própria narrativa a ponto de o dia seguinte adiar a promessa da condenação, substituindo-a sempre por uma promessa de mais felicidade, de mais prazer. O rei adiando a pena de sua esposa lembra a cena da menina adiando a leitura do livro. A menina tem o objeto em suas mãos, mas é livre para abri-lo ou não. O rei pode mandar executar Cherazade, mas é livre para fazê-lo ou não. Ambos, porém, optam por embarcar na narrativa fazendo dela uma experiência. A menina vira mulher e o rei se humaniza: os dois saem transformados; tornam-se outros.

Desse modo, a liberdade aparece como uma condição *sine qua non* para a promoção da experiência, pois essa diz respeito única e exclusivamente ao próprio sujeito e, portanto, é

singular e particular. Nesse sentido, um ato qualquer impositivo tende a afastar ou mesmo a destruir essa possibilidade de experiência.

Liberdade. Mas o que significa essa palavra no contexto da presente discussão? Como abandonar o “primeiro ser” - fixado em mundo interpretado e administrado - do qual nos fala Larrosa? Difícil tarefa essa, pois segue na contramão, uma vez que a presença da indústria cultural esforça-se exatamente no sentido de promover um embotamento de nossas percepções estéticas.

Para a crítica literária russa – o chamado formalismo russo – o escritor tem a espontaneidade de uma criança que se surpreende com um mundo estranho. Quem é o artista então? É aquele capaz de cultivar suas percepções e de as oferecer a nós em suas obras. É aqui que entra, para nós, a filosofia. O filósofo também, como a criança, surpreende-se com um mundo que lhe é estranho. Mas, não param por aí os encontros possíveis entre a filosofia e a literatura. Diz-nos Paulo Volker (1999, p. 140):

Filosofia e literatura, então, se identificam por participar desse lugar caracterizado pela absoluta liberdade das necessidades da vida, pois exigem, tanto para sua fruição, quanto para a sua produção, esse desligamento dos interesses imediatos. Afinal, de que serviria, para um esfomeado, as aventuras do “cavaleiro da triste figura” e seu cavalo Rocinante? De que serve as “Mônadas” de Leibniz para aquele que vive na penúria?

Mas é claro que também há diferenças entre ambas. Assim, o mesmo autor afirma: “Filosofia e literatura são ‘muros’ feitos de tijolos essencialmente diferentes. O ‘muro’ da filosofia é feito de conceitos enquanto o ‘muro’ da literatura é feito de metáforas.” (Volker, 1999, p. 142).

Certamente as relações entre literatura e filosofia são bastante complexas e não pretendemos nem nos estender sobre elas e nem tanto reduzi-las. Queremos apenas indicar alguns pontos de cruzamento entre ambas no que diz respeito à experiência da leitura, a qual, por sua vez, liga-se à experiência da escrita.

A partir de uma análise de um poema de Rilke, que no momento deixaremos de lado, Larrosa (2003, p. 101) destaca três elementos que julga significativos para uma imagem da experiência da leitura:

Em primeiro lugar, a relação entre o presente no texto e o ausente, entre o dito e o não dito, entre o escrito e um mais além da escrita: a leitura situar-se-ia justamente no modo como o presente assinala o ausente, o dito aponta para o não dito, o sentido se situa para além do escrito. Em segundo lugar, uma inversão da relação entre leitor e texto: não é o leitor que dá a razão do texto, aquele que o interroga, o interpreta, o compreende, aquele que ilumina o texto ou que dele se apropria, mas é o texto que lê o leitor, o interroga e o coloca sob sua influência. Por último, o texto como origem de uma interpelação: a leitura seria um deixar dizer algo pelo texto, algo que alguém não sabe nem espera, algo que compromete o leitor e o coloca em questão, algo que afeta a totalidade de sua vida na medida em que o chama para ir mais além.

Queremos fugir de uma análise que coloque em destaque uma visão instrumental da filosofia e da literatura, na qual uma possa servir para ajudar a outra em educação. Gostaríamos sim de pensar a presença da filosofia na literatura. Assim vejamos mais de perto os três elementos que Larrosa destaca para construir uma imagem da leitura: o sentido situando-se além do escrito, o texto interrogando o leitor e, por último, o texto o afetando e chamando-o para ir mais além. Para nós aqui temos um verdadeiro encontro da literatura com a filosofia – filosofia não como teoria, mas como prática, como vivência, como experiência de um filosofar. Sem qualquer pretensão didática – algo que, aliás, é totalmente distante do texto literário -, a literatura despretensiosamente se oferece a nós como possibilidade de transcendência, como uma abertura ao segundo ser do qual nos fala Larrosa, abrindo para nós um terreno fértil no qual podemos fazer experiências de pensar a nossa existência no mundo nos singularizando diante dele ao mesmo tempo em que vamos nos tornando um outro, diferente do que éramos.

A criança Paulo Freire pôde ir construindo sua compreensão crítica da importância do ato de ler o mundo porque, como criança, abria-se para esse mesmo mundo percebendo-o a um só tempo como metáfora e conceito. Tal como a menina devoradora de livros, Paulo Freire lia o seu mundo com o “coração pensativo”. Distanciando-nos de práticas educativas que beiram à torturas chinesas, poderemos promover encontros entre a literatura e a filosofia cheios de prazer e sedução, mas que esses encontros tenham a marca, sobretudo, da liberdade, pois só com ela

abriremos possibilidades de experiências autênticas, significativas e formativas para nossos alunos.

Referências

- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: ABREU, Márcia (org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. p. 29-46.
- GALLAND, Antoine. *As mil e uma noites*. Tradução de Alberto Diniz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. vols. 1 e 2.
- LARROSA, Jorge. Leitura e metamorfose: em torno de um poema de Rilke. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. In: _____. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 97-116.
- LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. In: *Seminário Nacional de Literatura Infantil e Juvenil - Manual*. Elaborado por Eliana Yunes et al. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1988. p.15-17.
- VOLKER, Paulo. Filosofia e Literatura ou as relações perigosas. In: KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina. (org.) *Filosofia para crianças em debate*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 139-146.

ⁱ Texto apresentado em mesa-redonda "Literatura, Filosofia e Educação" no II Encontro Paranaense de Literatura Infanto-Juvenil, realizado em outubro de 2007, em Curitiba.

ⁱⁱ Professora do Departamento de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista (UNESP). Correio eletrônico: paula-ramos@uol.com.br